

# ***Festas e seus 'fazeres'***

## **Apresentação**

211

Em 2019, um conjunto de professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual da Bahia, iniciou o projeto de pesquisa “Cidades e Festas: As ambivalências do Recôncavo da Bahia”. O projeto tem por base a interdisciplinaridade, numa atuação conjunta e integrada entre várias áreas de conhecimento. A questão que rege essa pesquisa interdisciplinar é composta pelas ambivalências, tensões, integrações que se colocam entre uma denominada “cultura popular”, presente nas festas das cidades do Recôncavo, e suas relações com as mídias, a indústria cultural, as questões étnico-raciais e políticas, as demandas de patrimonialização.

O dossiê “Tempos e Contratempos Festivos: ancestralidade, produção da cidade e subjetivação do Recôncavo da Bahia” apresenta alguns resultados dessa pesquisa. Os textos contemplam o mundo multiverso da festa, trazendo aspectos sociais, estéticos, históricos, institucionais e patrimoniais das festas analisadas. Além disso, os textos abrangem algumas articulações entre territórios e cidades, considerando linguagens, tecnologias, símbolos que são mediadores e geradores de vínculos sociais e novas tensões.

A conexão entre festa e cidade é de uma mútua afetação. De certo modo, os espaços públicos podem ser pensados em relação a uma dimensão centrípeta que provoca tanto agregação como necessidade de integração. Se

a festa, eventualmente, consegue suscitar um vínculo comunitário, ela também pode incluir o afetivo no político, a dádiva religiosa no mercado. Ao mesmo tempo, diversas instâncias de ordem política ou econômica podem comportar uma reconfiguração das festas. Ainda, festa e celebrações, mesmo a mais ‘tradicionais’, tem um potencial criativo de fazer emergir presenças coletivas, geralmente latentes para alguém ou além da festa. Há uma certa indeterminação sobre como a festa faz conhecer ou reconhecer vínculos, dificilmente visíveis e dizíveis fora do próprio evento. Certamente, a organização de uma festa pode produzir a consciência de um esforço comum e a própria experiência festiva pode colocar uma comunidade frente à sua imagem reflexa. Festas, também, permitem fortalecer comunidades vulneráveis, motivando ainda mais sua capacidade de agência segundo uma inventividade que compreende arranjos mnemônicos, simbólicos, estéticos, performativos nos espaços públicos, nos quais elas buscam se fazer visíveis e presentes.

212

No primeiro texto, “As festas negras e a (des-)ordem colonial – territórios, tempos e sonoridades na diáspora africana”, de autoria de Katharina Döring (UNEB), temos um panorama sobre a paisagem sonora e as festas negras do século XIX, com ênfase na Bahia. O artigo trata das tensões em torno das reuniões festivas dos negros, escravizados e libertos. Essas reuniões festivas enfrentavam proibições, mas ao mesmo tempo havia uma permissividade e, em muitos casos, incentivos para que ocorressem. Amparado em relatos históricos, o artigo aprofunda sua análise em duas frentes: as rodas, batuques e sambas por um lado, e cortejos, cucumbis e congadas, por outro. Os primeiros, vistos como divertimentos dos africanos e descendentes, são geralmente perseguidos, difamados e reprimidos. Já os segundos, em geral, são descritos como inofensivos, adaptados, folclóricos ou pueris, na visão dos cronistas brancos que não compreenderam seus significados milenares na cosmovisão, musicalidade e ritualidade dos povos, sobretudo de origem centro-africana.

No texto seguinte: “Personas festivas: os trabalhadores criativos nas festas e folguedos populares”, Mariella Pitombo empreende uma discussão sobre a natureza do trabalho e sobre a metamorfose das subjetividades dos agentes que trabalham nas festas. A autora reflete sobre a economia criativa

e os efeitos da profissionalização que advieram das políticas de valorização da cultura popular, bem como do reconhecimento de muitas das festas como patrimônio.

A questão da profissionalização também está presente no texto “A cena do “paredão”: festas móveis no Recôncavo da Bahia”, porém vista por outro viés. Lúcio Agra e Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa refletem sobre um paradoxo comum aos organizadores dos “paredões” no Recôncavo Baiano: por um lado, administrar o deslocamento e a instabilidade desses eventos e, por outro, entender-se subjetivamente como empresário, profissional do entretenimento, pois isso lhes confere uma distinção socioeconômica. Os autores mostram como a busca desse reconhecimento pode estar mais destacado, especialmente, nesse momento de pandemia que restringiu a realização dos paredões.

Em “Uma cachoeira de festas ausentes”, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins e Sérgio Ricardo Oliveira Martins abordam como a pandemia de covid-19 afetou as festas de Cachoeira (BA). Trata-se de uma cidade que incrementou o turismo cultural nos últimos 20 anos e que sofreu muitos efeitos socioeconômicos por causa da ausência das festas em 2020. Para analisar esses efeitos, os autores se debruçam sobre duas das principais festas do município: A Festa de São João e a Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA).

O Bembé do Mercado, festa que ocorre no mês de maio em Santo Amaro da Purificação, há mais de 100 anos, em comemoração à abolição da escravidão, é o tema do artigo de Francesca Bassi, Rubens da Cunha e Danillo Barata. O artigo “A festa do Bembé do Mercado: ancestralidade, ‘oralituras’ e presenças estéticas” analisa como o Bembé ‘faz’ a identidade étnica do povo-de-santo, mas também como ela é agenciada por presenças não humanas, segundo transformações espaço-temporais de cunho ritual. Os autores consideram a festa tanto a partir da evocação da ancestralidade, que se apresenta também como princípio epistêmico que liga passado e presente, como a partir da oralidade, pensada pelo viés da ‘oralitura’, um conceito que ajuda a entender as performatividades e presenças estéticas da festa e para além dela.

Se pensarmos o Recôncavo pelas margens da Baía de Todos os Santos, a cidade de Salvador seria o ponto final para quem vem do interior. E esse foi um caminho traçado neste dossiê: saímos de Cachoeira, passamos por Santo Amaro e chegamos a Salvador com os dois textos finais. Em “Folia, Função e Folga: inflexões rítmicas em festas de rua da Bahia”, Pedro Amorim Filho propõe uma reflexão sobre as festas de rua no ciclo de verão de Salvador (BA). Essa reflexão pensa as inflexões rítmicas dos modos de estar na festa por meio de termos de contraste - folia e função -, nos quais podemos transitar; e seu interregno, a “folga”, o “suspiro”. O autor pensa os ritmos do ciclo das festas de verão em duas escalas temporais: escala larga e escala curta. Na primeira, propõe uma ritmanálise diacrônica do ciclo de festas e na segunda, a proposta é fazer uma abordagem sincrônica das inflexões rítmicas nas festas de rua.

Por fim, Fátima Tavares, Carlos Caroso e Cleidiana Ramos no texto “Como se faz o carnaval de Salvador? Diversidades e diferenças na feitura das festas na festa”, apresentam realidades ao mesmo tempo em contraposição e dependência que sustentam a vitalidade da festa. Partindo de conceitos de Tim Ingold, que compreende a vida como fluxos dos “materiais” e de Anne Marie Mol que pensa as ontologias enquanto realidades e que se sustentam por inúmeras práticas sociomateriais cotidianas, o artigo coteja dados qualitativos sobre o carnaval em Salvador, enquanto teoriza a partir desses conceitos. Assim, o carnaval de Salvador pode se situar no singular como uma objetivação articulada entre o carnaval das “diversidades” e o carnaval das “diferenças”.

Em consonância com essas temáticas, a capa do dossiê é composta por fotos de Adenor Gondim, que realizou um grande trabalho fotográfico em torno das cidades do Recôncavo e muitas de suas festas.

Como se pode depreender da breve exposição, a diversidade empírica e geográfica das dimensões festivas se articula à conceituação da festa que atravessa os trabalhos, compreendendo esse fenômeno não como repetição de estruturas, evocando uma compreensão anódina da tradição, mas como processo, o que implica em considerar os devires da festa em sua positividade. Com isso, os textos não buscam definições essencializantes da festa, mas rastreiam o que estas “podem fazer”, as transformações que

operam no social, e, também, o que ‘fazem’ quando deixam de acontecer: questão que atravessa alguns dos textos desta coletânea nesse momento de incertezas decorrente da pandemia em que vivemos (mas não apenas).

Boa Leitura.

Rubens da Cunha

Francesca Bassi

Fátima Tavares